

CORREA, Walmor. *Memento Mori - Ipuipara*, 2007.

DÁDIVAS DA AMÉRICA, INSTRUMENTOS DA EUROPA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE TESOUROS DA NATUREZA E ATRIBUTOS DO CONHECIMENTO EM IMAGENS DA ÉPOCA MODERNA

Jorge Victor de Araújo Souza

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. É professor de História da América Colonial na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com pesquisa sobre a produção e usos de imagens na América colonial, realizou pós-doutorado na UFF e no Programa de História das Ciências, Técnicas e Epistemologia da UFRJ, respectivamente como bolsista do CNPq e da CAPES.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Recebido em 16/03/2015 e aprovado em 17/06/2015.

Resumo: Neste artigo analiso representações imagéticas do território colonial. Destaco imagens em que ameríndios são apresentados oferecendo algo aos europeus. Por outro lado, demonstro como a Europa era cercada de atributos das ciências. Estas reciprocidades eram importantes nas dinâmicas ultramarinas. O tema da dádiva esteve presente em praticamente todas as repúblicas e monarquias europeias que mantiveram contato com a América.

Palavras-chave: História Colonial. Imagens. Conhecimento.

Abstract: This article analyzes imagery representations of colonial territory. It highlights images where amerindians are presented offering something to europeans. On the other hand, it shows how Europe was surrounded by attributes of science. These reciprocities were important in the overseas dynamics. The theme of the gift was present in almost all the republics and european monarchies who had contact with America.

Keywords: Colonial History. Images. Knowledge

A América foi inventada (O'GORMAN, 1992). A Europa também. De fato, no começo do século XVI a própria imagem do mundo estava sendo reinventada (FARINELLI, 2012). Esta imagem, no Renascimento, sofreu uma complexa operação que exigiu esforço muito além da simples delimitação de fronteiras em mapas, onde a América, como demonstrou Frank Lestringant (2009), teve papel fundamental, sobretudo, por colocar em xeque teorias até então irrefutáveis e, desta maneira, forçar um deslocamento do olhar. Em tal operação, podem-se notar as tensões entre filósofos, geógrafos, cartógrafos, matemáticos, historiadores e artistas. Foram necessárias diversas formas de representação para dar conta das relações entre todas as partes do mundo. Uma das mais instigantes é a que destaca as reciprocidades estabelecidas, sobretudo no que diz respeito aos elementos da natureza e ao conhecimento que poderia ser adquirido na expansão ultramarina. Dádivas eram importantes nas dinâmicas políticas e

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

sociais do Antigo Regime, faziam parte de uma cadeia de obrigações – dar, receber, retribuir – como proposta em Mauss (1988)¹.

Juntamente com as representações cartográficas, as alegorias formaram o produto mais vulgarizado deste processo de representação global. Os continentes foram personificados em mulheres que portavam atributos identitários: Europa com artefatos civilizados e animais domesticados, Ásia com vestimentas rebuscadas, incenso e camelo, África com um sol sob a cabeça, com um escorpião na mão e acompanhada de um elefante, e América com uma cabeça nas mãos, um arco e uma flecha. Há uma clara hierarquização civilizacional em tais representações. São imagens que portam valores e expectativas.

Rebecca Parker Brienen afirma que foi no frontispício do *Theatrum Orbis Terrarum*, em 1570, que apareceu a primeira iconografia das quatro partes do mundo de forma unificada (BRIENEN, 2010, p. 62). Trata-se daquele que foi considerado o primeiro atlas moderno, obra do cartógrafo e geógrafo de Antuérpia Abraham Ortelius (1527-1598). Desde então, tal modelo iconográfico estampou as principais obras que versaram sobre o conhecimento do mundo. Conhecimento este que também era apresentado sob a forma de descrição, prática em que os holandeses se tornaram peritos (ALPERS, 2009).

A alegoria da América e suas descrições já foram foco de diversos estudos (ZUGASTI, 2005). Entretanto, algo não despertou maiores interesses dos especialistas e pode complexificar mais ainda as relações entre a Europa e o Novo Mundo no que diz respeito às trocas materiais e imateriais. Trata-se de uma tópica, representação de um ato realizado pelos ameríndios ou pelas alegorias da América: a ação de oferecer algo aos europeus ou à alegoria da Europa. Com as mãos estendidas ou a apontar produtos, a

¹ Há recente bibliografia que destaca o quanto dádivas e também mercês eram fundamentais no Antigo Regime europeu, sobretudo entre ibéricos (XAVIER; HESPANHA, 1998, p. 339-349; GANDELMAN, 2005, p. 109-126).

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

América indica sua disposição em servir outro continente oferecendo tesouros da natureza. Idealização europeia que ajudou a inventar uma imagem da América submissa, e também forte indício das intencionalidades de relação entre os espaços separados pelo oceano, obviamente de uma perspectiva eurocêntrica. Por outro lado, de forma simultânea, a alegoria da Europa e os europeus de maneira generalizada, eram representados cada vez mais com atributos do campo científico, como instrumentos de observação e de medição. Instrumentos fundamentais na delimitação dos novos espaços.

Por conta do uso de estampas para uma argumentação a respeito de questões do conhecimento nas explorações atlânticas, faz-se fundamental a crítica tecida por Jorge Cañizares-Esguerra (2004) à historiografia que eclipsou as contribuições ibéricas durante a denominada Revolução Científica em detrimento da atuação britânica e italiana. Para isso, Esguerra utiliza, inclusive, a comparação de diversos frontispícios, como o da *Instauratio Magna* e o da *Nova Ruperta*. Em que pese estar em completo acordo com as conclusões de Esguerra, pretendo ampliar o campo geográfico das representações lançando mão de um recorte de amplo repertório imagético. Desejo demonstrar que representações da América e da Europa se coadunavam em um discurso em que o que estava em jogo eram, sobretudo, os tesouros da natureza, seu domínio e a perícia dos instrumentos necessários para explorá-los.

Experimenta Naturalia

Uma indígena segura um tatu com a mão direita, enquanto com a esquerda oferece uma pedra (*lapidum cum veneno*) à alegoria da Ciência, que está em frente a uma mesa sobre a qual estão instrumentos científicos, como um microscópio, folhas de anotações e desenhos. As duas ocupam

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

uma construção em meio à floresta, o que ressalta, pelo contraste, o espaço civilizatório em meio ao espaço considerado selvagem. A assimetria entre elas é marcada pela posição no patamar inferior ocupado pela indígena, não obstante a troca de olhares garantidora de certa cumplicidade. Abaixo das duas alegorias, animais peçonhentos rastejam. Os répteis não são alegóricos, pois se trata do frontispício de “*Experimenta Naturalia*”, obra do naturalista italiano Francesco Redi (1626-1697) publicada em Amsterdam no ano de 1675 e que versa sobre a observação de víboras, escorpiões e, sobretudo, como escapar dos terríveis venenos usando uma terapêutica dos trópicos (REDI, 1675). No primeiro capítulo, “experiências sobre vários tipos de fenômenos naturais, especialmente aqueles trazidas das Índias”, Redi cita os trabalhos de Willien Piso (1611-1678), e até mesmo as vivências do padre Antônio Vieira (1608-1697) que de acordo com o autor viveu 32 anos no Brasil fazendo uso de seiva de folhas para curar determinadas feridas.

Figura 1



REDI, Francesco. *Experimenta Naturalia*. Amsterdam, 1675. Frontispício.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Interessante notar a síntese literal da imagem da indígena como aquela que oferece elementos significativos para a formulação do conhecimento na Europa, como bem deixam entender os gestos das personificações no frontispício da obra de Redi. Esta tópica da América oferecendo algo à Europa ou aos europeus foi gestada muitos anos antes e expõe as expectativas dos habitantes das metrópoles em relação às colônias. Entretanto, nem sempre as expectativas se limitavam ao conhecimento *strictu sensu*. Esta tópica nos auxilia a refletir sobre a representação do papel das colônias nas hierarquias geográficas e sociais e as reciprocidades estabelecidas ou negadas. A imagem é apropriada para a operação de compilação dos conhecimentos que é estabelecida por Redi. A “ciência” está ali para recolher e classificar o que é oferecido pela ameríndia. Sua ação irá transformar a matéria bruta oferecida em algum tipo de conhecimento. Classificação dos elementos é relevante em um período em que há uma crescente valorização das ciências naturais.

Essa operação está presente em *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Aliás, os diálogos que fundamentam a obra seiscentista de Ambrósio Fernandes Brandão são iniciados justamente com a questão das possibilidades dos usos da matéria-prima transformada pelo conhecimento aplicado ao cotidiano, no caso uma lanugem retirada da mangabeira. A conversa é fomentada pela insatisfação de Alviano diante da não descoberta de pedras preciosas no Brasil. Em certo ponto, o mesmo afirma: “porque o mundo é tão velho e os homens tão desejosos de novidades, que tenho para mim que não há nele cousa por descobrir, nem experiência que se haja de fazer de novo que já não fosse feita”. Logo em seguida, Brandonio, a voz principal, argumenta que o Brasil é campo fértil para novas experiências e descobertas justamente pela oferta de matérias que poderiam ser transformadas pelo conhecimento: “porque haveis de saber que os primeiros inventores das cousas as acharam toscamente com um

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

princípio mal limado, e depois os que lhe sucederam as foram apurando, até as porem no estado de perfeição em que hoje as vemos" (BRANDÃO, 2010, p.48). Nesse sentido, a América, como era conhecida a Província do Brasil de acordo com Brandonio, é o local onde o conhecimento do Velho Mundo pode encontrar abundante matéria para os mais diversos usos, inclusive novos experimentos, mesmo que seu interlocutor não concorde de todo.

Todo daban por cualquiera cosa

Desde os primeiros relatos sobre o Novo Mundo há a tópica das relações de trocas entre europeus e nativos, sendo estes descritos como ingênuos por aceitarem coisas de pouco valor (TODOROV, 1999). Colombo registra, em 23 de outubro de 1492, sua primeira viagem, que os nativos "Traían ovillos de algodón filado y papagayos, y azagayas, y otras cositas que sería tedio de escribir, y todo daban por cualquiera cosa que se los diese. Y yo estaba atento y trabajaba de saber si había oro" (NAVERRETE, 1825, p. 21). O mesmo contato descrito através da troca de objetos é relatado na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, onde na praia "não houve fala nem entendimento" apenas troca de objetos. A performance das trocas tinha diversos significados para os envolvidos nestes contatos, como bem salientou o antropólogo Marshall Sahlins na análise de outra situação envolvendo europeus e nativos (SAHLINS, 1999, p. 28).

Na Europa, pelo menos desde a Idade Média, era comum em embaixadas a troca de bens e objetos preciosos, pois a liberalidade era um valor fundamental nas relações entre reis. Natalie Zemon Davis demonstrou as lógicas deste ritual entre as cortes e os modelos bíblicos no Antigo Regime (DAVIS, 2000). Por conta destas práticas, surgiram gestos que representavam o ato: vassallos de joelhos despejavam joias aos pés de um rei.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Miguel Zugasti, analisando as diversas alegorias da América, chama a atenção para uma imagem contida em *Descripción de la Ciudad y Provincia de Tlaxcala* (1582-1584), obra do mestiço Diego Muñoz Camargo (ZUGASTI, 2005, p. 120). Nela, Pizarro e Cortez abraçam respectivamente as representações do Peru e da Nova Espanha. As duas personagens estão de joelhos e oferecem ao imperador Carlos V – que não aparece na imagem – cofres cheios de tesouros. Esta imagem demonstra que os conquistadores eram considerados os intermediários entre o monarca e os súditos em terras distantes, mas também que tal tópica não foi somente produzida na Europa ou por europeus. De fato, o registro assinala a circulação e apropriação da representação de um comportamento que marca relações de vassalagem.

No Novo Mundo não eram os monarcas que recebiam diretamente as riquezas, mas seus representantes, como bem apresenta a gravura realizada por Theodore de Bry (1528-1598). Aos pés de conquistadores armados com espingardas e espadas, estão as joias que um índio aponta com as duas mãos. Tão ao gosto das denúncias de Bry, a cena mais parece um butim de guerra do que propriamente a oferta de um tributo.

Figura 2



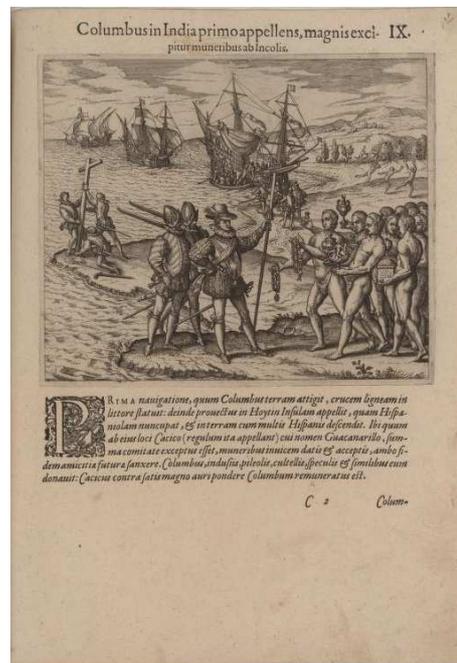
BRY, Theodor de. 1594. Gravura. 16.5 x 19.6 cm. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Esta gravura é distinta da produzida para *Americae Tertia Pars IV* representando Cristovão Colombo recebendo diversos objetos das mãos de índios em Hispaniola. Tal gravura representa o contato de Colombo com um líder nativo de nome Guacanagari e outros “cinco reis”, encontro narrado em 30 de dezembro de 1492, ainda em sua primeira viagem. Nesta ocasião, Colombo teria recebido uma coroa e muita prata.

Figura 3



BRY, Theodor de. 1594. Gravura. 16.5 x 19.6 cm. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

Em que pese na descrição coeva a Colombo sobressair a reciprocidade estabelecida entre ele e o chefe indígena, na gravura realizada cem anos depois não há vestígio algum das mercadorias deixadas pelo almirante em troca de ouro e víveres. Na gravura em questão, Colombo é retratado de pé em uma praia com postura de autoridade. Às suas costas há dois soldados armados; à sua frente, estendendo as mãos, os índios lhe oferecem colares, caixas e outros elementos da natureza. Tal

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

imagem, de um grupo oferecendo tributos a uma autoridade, remete ao rito de embaixada de uma monarquia europeia, algo que De Bry deveria estar acostumado pelo menos em representações. Ao fundo, navios aportam e três homens erguem uma cruz, uma tópica que dominará as iconografias sobre a conquista, sendo a mais conhecida a gravura realizada por L. Gauthier, para ilustrar a *Histoire da la Mission*, em 1614.

A tópica da dádiva esteve presente em praticamente todas as repúblicas e monarquias europeias que mantiveram contato com a América. De Bry também gravou as descrições feitas pelos franceses que exploraram a Flórida em 1564. É muito provável que o belga tenha se baseado nas aquarelas produzidas por Jacques Le Moyne de Morques, que acompanhou a expedição de René Goulaine Ladonnière (1529-1574) à região. Na gravura, que faz parte das *Grandes viagens*, publicação de 1591, vemos um índio de proporção bem maior que Ladonnière e seus soldados.

Figura 4



BRY, Theodor de. 1591. Gravura. 15.1 cm x 21.3 cm. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

Trata-se de Athore, filho de um líder local, que com um gesto da mão direita, apresenta aos franceses a cerimônia que transcorre em frente a um

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

monumento decorado com guirlandas e com as armas da França. Este marco fora deixado anos antes pelos huguenotes Jean Ribault e René Goulaine, que travaram os primeiros contatos com os Timucua. No solo, o espaço entre os índios ajoelhados com as mãos para o alto e os franceses está repleto de ofertas de víveres e artefatos. Trata-se, sem dúvida, de uma cerimônia de oferta aos europeus. De forma distinta das gravuras representando as ofertas aos espanhóis, há nesta imagem uma dupla representação da Europa com a presença de um monumento que ostenta a flor de lis. Há uma ênfase na prática cerimonial que se coaduna com as conclusões da historiadora Patrícia Seed (1999) a respeito das cerimônias de posse no Novo Mundo. De acordo com ela, os franceses se diferenciaram dos ingleses, espanhóis, holandeses e portugueses, por efetivarem cerimônias teatralizadas como estratégia de legitimação de posse. Seed destaca que o obelisco foi usado politicamente pela primeira vez na França, em 1549, numa entrada feita pelo rei em Paris. Embora, como destaca, para os índios, o significado fosse o de adoração a um ídolo.

Figura 5



BRY, Theodor de. 1591. Gravura. 15.1 cm x 21.3 cm. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

É necessário, no caso da produção de De Bry, o entendimento das gravuras enquanto integrantes de uma grande coleção. Em outra cerimônia dos timucuas é perceptível a distinção nas formas de representação. Na representação do ritual por boas colheitas, a pele de um veado está preenchida por leguminosas e é ostentada em um mastro no meio de uma clareira onde, ao redor, índios de joelhos estendem os braços para o animal, que por sua vez é banhado pela luz do sol. É possível que os índios adorassem o obelisco francês da mesma maneira como o faziam com o veado na primavera? Entretanto, e isto é significativo para o campo das representações, as gravuras de De Bry colocam os europeus em posições distintas. Se na primeira eles estão frente aos nativos e são interligados a eles pelas ofertas no chão e pelo obelisco, na segunda não há vinculação alguma, pois são meros espectadores. Tal estampa, valorizando uma cerimônia de índios oferecendo víveres ao símbolo europeu, buscava sim ressaltar o sentido de "harmonia" no contato e na conquista.

Em 1620, sob o governo de Filipe III, na alegoria da abdicação do imperador Carlos V, Frans Francken II (1581-1642) pintou elementos que recordavam a amplitude do reinado de quem dominara boa parte do mundo até então conhecido. As regiões conquistadas ou sob alguma forma de domínio, incluindo o Brasil, foram representadas em suas funções de fornecedoras de mercadorias, bens, propriedades, enfim, riquezas ao Império. Francken pintou a alegoria da Europa de pé, com uma espada na mão direita e o globo na esquerda, liderando um cortejo de reinos europeus, cada qual com sua respectiva bandeira. Europa olha diretamente para o espectador do quadro, apontando, com sua frontalidade, a imponência de uma rainha. As demais alegorias dos continentes encontram-se de joelhos no primeiro plano, remetendo à comum composição dos três reis magos. Cada qual oferece algo a Carlos V. A América, com o tatu a seu lado, sustenta uma caixa repleta de presentes ao imperador, coroas de ouro, cetros e joias.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Aos pés estão outros tesouros oferecidos. A abdicação de Carlos V ocorreu em 1556, e foi durante seu reinado que Cortez conquistou o México.

Na edição germânica de 1628 da *Cosmografia* do cartógrafo e cosmógrafo Sebastian Munster (1488-1552), veem-se também alegorias dos quatro continentes oferecerem objetos e riquezas à alegoria do Sacro Império Romano Germânico, devidamente entronada. Europa oferece produtos da “civilização”, incluindo um livro e instrumentos científicos. África e Ásia estão de joelhos oferecendo um baú repleto de joias, enquanto a América oferta uma cesta de frutas e flores.

No modelo iconográfico europeu das quatro partes do mundo mais difundido a partir do final do século XVI, a obra *Iconologia* (1593) de Cesare Ripa, a alegoria da América é a única a não ostentar produtos de valor. Europa apresenta instrumentos musicais, científicos, coroas e a própria Igreja na mão direita, Ásia é representada com incensário, apontando “los suaves y aromáticos licores, gomas y especies que producen” suas províncias, enquanto a África segura com a mão esquerda uma cornucópia a indicar a abundância e fertilidade de suas terras. A América o que tinha a oferecer? Em Ripa, ela ostenta os símbolos da selvageria – um lagarto e uma cabeça humana em referência à antropofagia destacada no texto. Fácil perceber nas iconografias em geral, que a partir do século XVII, América, apesar de não perder de todo os atributos de selvagem, aparece cada vez mais com coisas a oferecer às monarquias europeias, sobrepujando mesmo a África ou a Ásia. Informações sobre a descoberta de ouros e riquezas circulavam com mais abundância desde então. Entre os flamengos e os holandeses, tal perspectiva se deu já ao final do século XVI, e diz muito sobre as expectativas que habitantes dos Países Baixos tinham a respeito das dádivas do Novo Mundo.

A ideia de paraíso áureo da América foi bem expressa em diversas imagens, como a realizada pelos gravadores flamengos Gerard Van

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Groeningen e Pieter Nagel, por volta de 1590. A estampa apresenta a alegoria da América conduzindo uma carruagem puxada por gigantescos cães. Ao fundo, desenrola-se uma cena de ritual indígena como as gravadas por De Bry, e cenas de canibalismo, fazendo jus à legenda em latim que faz referência à selvageria que caracterizaria a região. Em contraponto, a legenda maior faz alusão ao ouro e à prata, metais que são representados na carruagem em sacos e pequenos cofres.

Figura 6



Copy after Pieter Nagel, After Gerard van Groeningen, *America, Your Gold and Silver Fill My People*. c. 1590. Harvard Art Museums/Fogg Museum, Anonymous Loan, 44.1997. Image © President and Fellows of Harvard College.

A referência de tal iconografia são os carros triunfais – *Triumphwagen* – usados nos cortejos europeus, sobretudo no Sacro Império Romano Germânico, como o que foi desenhado por Albert Dürer em 1518, para Maximiliano I². Neste carro triunfal, as inscrições das rodas remetem a virtudes e valores: *Magnificentia, Honor, Dignitas* e *Gloria*. Estas rodas sustentam todo o carro, que por sua vez carrega as alegorias de outras virtudes consideradas importantes em uma sociedade aristocrática.

² Agradeço a Carlos Zeron a indicação desta gravura de Dürer.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Figura 7



Copy after Pieter Nagel, After Gerard van Groeningen, *America, Your Gold and Silver Fill My People*. c. 1590. Harvard Art Museums/Fogg Museum, Anonymous Loan, 44.1997. Image © President and Fellows of Harvard College. Detalhe.

As rodas também possuem inscrições no carro triunfal da América. Nelas estão nomes de domínios ibéricos que alimentam a riqueza carregada pela alegoria: Peru, Cuba, Hispaniola e Bresília. Mesmo que o Brasil não tenha, no final do século XVI, apresentado significativas jazidas de ouro ou prata, os artistas o incluíram como um dos sustentáculos das riquezas do continente. Em que pesem os relatos sobre serras de ouro que abundaram descrições quinhentistas, pelo menos em relação ao Brasil, trata-se mais de expectativas do que propriamente de frutíferas experiências. Ao indicarem regiões tão vastas, as rodas representam a extensão dos domínios espanhóis, inclusive sob áreas antes conquistadas por portugueses. Esta alegoria não apresenta claramente a América oferecendo algo precioso à Europa. No entanto, os navios ao fundo indicam o destino ultramarino dos metais. Vale lembrar que parte significativa dos flamengos estava sob o governo espanhol.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

A situação geopolítica ibérica no século XVII foi determinante para expansão dos holandeses sobre a América. Neste contexto, as gravuras holandesas também expressaram as expectativas econômicas em relação aos ameríndios. É o que claramente se vê em um significativo detalhe da edição de 1630 da obra *Nieuwe Wereldt ofte beschrijvinghe van West-Indien*, do diretor da Companhia das Índias Ocidentais, Joahannes de Laet³. Na *Descrição do Novo Mundo*, De Laet realiza uma espécie de roteiro das costas. Como salienta Patricia Seed: “descrever fazia parte do processo de reivindicar novas regiões” (SEED, 1999, p.221). Essa reivindicação é representada em todo o frontispício de Cornelis Claessen Dusent, a começar pelas duas colunas que sustentam todo o conjunto arquitetônico. Elas possuem dois medalhões: o do lado esquerdo é o retrato do General Pieter Heyn, conquistador de Cuba como salienta a representação da baía de Matança logo abaixo, e o medalhão da direita é preenchido com o retrato do general Hendrick C. Lonck, conquistador de Olinda como salientado pela representação da mesma região. Por trás das duas colunas aparecem inúmeras armas e munições, indicando a guerra empreendida na posse das regiões americanas. Na base que sustenta as colunas, a representação central mostra uma mulher majestaticamente sentada em um trono. Ao seu lado direito, no solo, estão espalhadas armas e munições, e próximo está presente uma pequena inscrição *foed. Belg.* (Federação Belga). Na direção desta senhora de mãos postas, dirigem-se três índios. O que avança mais à frente está sentado sobre um tatu. Todos sorrindo, estão com as mãos estendidas com alguma dádiva, tesouros, objetos, elementos da natureza. Uma faixa atravessa, pela parte de trás, a cabeça do primeiro índio, como se fosse sua fala: “Venisti tandem”. Cremos que se trata de uma referência ao canto VI da Eneida, quando Eneias desce ao mundo dos mortos, no

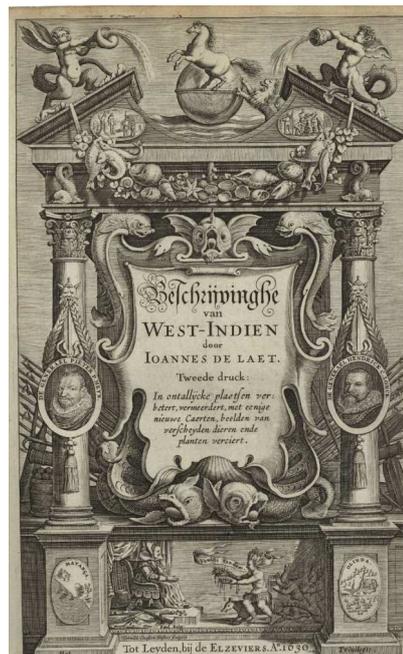
³ Em quinze anos foram realizadas quatro edições: 1625, 1630, 1633 e 1640. Sobre a atuação de De Laet e a publicação em questão, ver: Mello (1961) e Gesteira (2006).

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

centro da terra, e encontra seu pai que a muito não via e que lhe diz: *Venisti tandem, tuaque spectata parenti viest iter durum pietas?* (Enfim chegou, essa piedade tua que seu pai ansiava, pode vencer o duro caminho?). Algo bastante propício para ideia de um reencontro depois de uma viagem tortuosa e que corresponde à tese de De Laet sobre a origem dos ameríndios, segundo a qual existiu uma migração na terra em tempos remotos, justificando a existência de diversas línguas e culturas. Os ameríndios reencontravam parentes distantes que há muito não viam.

Figura 8



LAET, Johannes. *Nieuwe Wereldt ofte beschrijvinghe van West-Indien*, Leida, Elzevier. 1625. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

Para Heloisa Gesteira, a compreensão da trajetória de Joahannes de Laet só é possível ao se considerar sua vinculação com três instituições: Universidade de Leiden, Casa Editorial Elsevier e Companhia das Índias

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Ocidentais. Podemos ponderar que os interesses de De Laeat se conjugam, portanto, em seu percurso institucional e são sintetizados no frontispício da *Descrição do Novo Mundo*: conhecimentos além-mar, divulgação dos saberes, guerras de conquista e comércio ultramarino. O ato de oferta dos ameríndios à Federação Belga e a presença dos conquistadores no frontispício de uma descrição de novas regiões vincula-se às intencionalidades de De Laet, como se pode atestar melhor na abertura de outra obra sua:

A maior parte dos recursos com que o Rei de Hespanha por tantos anos perturbou a paz de todo o mundo, especialmente da christandade, e hostilizou tão gravemente estas Provincias Unidas veio-lhe principalmente das suas riquíssimas possessões da América. É notório que daquelles paizes elle tem retirado annualmente enormes riquezas em ouro e prata. Aquillo que outros reis e potentados em várias occasiões e com o intuito de o guerrear pretenderam e não conseguiram fazer, fizeram as Provincias Unidas, apesar de virem por último, não sendo ella do número de inimigos que menos lhe embraraçaram e desfalcaram as rendas (DE LAET, 1912, p. 3).

Nesta disputa, não é difícil mensurar a relevância de uma imagem que evoca a ideia de que os recursos são dádivas que a América disponibiliza aos que forem mais hábeis, fortes, mercedores ou, como propõe o frontispício do *Novo Mundo*, antigos aliados que se reencontram.

Há certo descompasso entre a imagem de uma dádiva e o que verificamos no discurso, por exemplo, dos relatos da tomada de Olinda, como o do soldado da WIC, o inglês Cuthbert Pussey, onde sobressai a imagem do saque: "As riquezas e botim que nossos homens encontraram na cidade são impossíveis de descrever, tal era a abundância de tudo, tal que nossos homens, ao vê-la, não sabiam em que meter a mão primeiro" (APUD MELLO, 2010, p. 65). Na incessante busca por metais e riquezas, os dois

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

discursos não são antagônicos, e sim complementares, sendo o primeiro mais uma idealização das expectativas e o segundo o relato de práticas.

Mesmo anos depois da expulsão dos holandeses, imagens da presença deles na América foram estampadas em importantes representações cartográficas. No mapa realizado pelo cartógrafo de Amsterdam Frederik de Wit, em 1675, estão diversos ameríndios. Enquanto uns trabalham nas minas ao fundo, outros derretem a prata e a oferecem aos batavos. Trata-se de uma representação da região do Rio da Prata. Encontramos poucas representações deste tipo entre os ingleses. Entretanto, o mapa encomendado em 1730 ao cartógrafo e gravador germânico George Mattaüs Seutter (1678-1757) pode ser considerado uma representação mais intensificada do que até aqui analisamos. Vemos nele um verdadeiro cortejo de negros carregando muitos produtos. Se em outras gravuras estão representantes dos soberanos, nesta, é o próprio rei, George II, quem recebe, não de ameríndios, mas das mãos de escravos as dádivas da América. Na frente de tal cortejo estão as representações de Minerva, saudando o rei, Hermes, apontando o soberano, e Demeter. Deuses ligados aos conhecimentos – à técnica, ao comércio e à agricultura – estão no mapa que representa a Nova Bélgica, região que englobava Nova York. Manhattan era denominada de Nova Amsterdam, por conta da anterior colonização batava, e tem seu porto estampado como a base que sustenta todo o cortejo. A imagem em si é uma reprodução dos mapas realizados no século anterior por Van der Donck e Jansson-Visscher, mas que não possuíam a iconografia apontada, apenas a representação de um pequeno porto (SHORT, 2001, p. 43).

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Figura 9



SEUTTER, Mathaus. *Recens edita totius Novi Belgii in America Septentrionali siti.* c. 1730. Detalhe. Fonte: Cortesia da Biblioteca John Carter Brown, da Brown University.

A representação da América e dos “americanos” oferecendo elementos da natureza não ficou limitada a uma única monarquia ou república. A expectativa sobre os tesouros da natureza e seus usos era compartilhada por todas as metrópoles.

Conclusão

Os ibéricos foram precursores na construção de narrativas que enfocavam a relação entre as descobertas ultramarinas e as possibilidades de elaboração e difusão do conhecimento no período renascentista. Em pouco tempo, porém, houve uma ampla apropriação de tópicos destas narrativas, sendo possível falar de um olhar europeu resultante de tal operação. Um olhar que reuniu elementos da natureza e instrumentos das ciências nas representações da expansão europeia sob as conquistas coloniais. Fato é que no período iluminista, com a atuação incisiva de

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

naturalistas, tal olhar já estava devidamente consolidado e as representações do gênero então sobejaram.

Há uma relação intrínseca entre o “Teatro do Mundo” e as idealizações imperiais (CURTO, 2009, p. 149-154). As imagens aqui reunidas são produtos desta relação. Para melhor compreendermos o pensamento imperial é necessário levar em consideração que práticas de escrita e lógicas editoriais eram acionadas nas disputas ultramarinas que envolviam vários reinos e repúblicas (PRATT, 1999). A perspectiva da produção de imagens é excelente para se observar tais tensões, como demonstrei ao indicar os possíveis sentidos das estampas em relação às práticas de escrita que enfocam as explorações ultramarinas. No entanto, é preciso refletir melhor sobre o impacto das descobertas ultramarinas no sistema epistemológico europeu, o respectivo papel de gravuras na circulação dos conhecimentos e as diversas relações que envolviam as dádivas. Enfim, pensar estas imagens partindo das mesmas é pensar a própria posse da América, e é nessa perspectiva que nossa pesquisa tem se aprofundado no momento.

Referências

ALPERS, Svetlana. *A arte de descrever. A arte holandesa no século XVII*. São Paulo: EDUSP, 2009.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2010. v. 134.

BRIENEN, Rebecca Parker. *Albert Eckhout: Visões do paraíso selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2010.

CURTO, Diogo Ramada. *Cultura Imperial e Projetos Coloniais (séculos XV e XVIII)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

DAVIS, Natalie Zemon. *The Gift in Sixteenth-Century France*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2000.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

DE LAET, Joannes. Historia ou Annaes dos feitos da Companhia privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636. In: *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 1912. v. XXX.

ESGUERRA-CAÑIZARES, Jorge. Iberian Science in the Renaissance: Ignored how much longer? *Perspectives on Science*, v. 12, n. 1, p. 86-124, spring 2004.

FARINELLI, Franco. *A invenção da terra*. São Paulo: Editora Phoebus, 2012.

GANDELMAN, Luciana. "As mercês são cadeias que não se rompem": liberalidade e caridade nas relações de poder do Antigo Regime Português. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 109-126.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. A história natural do colonialismo holandês. *Insight Inteligência*, ano IX, n. 33, p. 105-117, abr./maio/jun. 2006.

NAVARRETE, Martin Fernandez de Navarrete (Coord.). *Coleccion de los viages y descubrimientos que hicieron por mar los españoles*. Madrid: Imprenta Real, 1825.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LESTRINGANT, Frank. *A Oficina do Cosmógrafo ou a Imagem do Mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil Holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. Johannes de Laet e sua descrição do Novo Mundo. *Revista do Instituto Arqueológico, histórico e Geográfico de Pernambuco*, v. 46, p. 135-161, 1961.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Dádivas da América, instrumentos da Europa: algumas reflexões sobre tesouros da natureza e atributos do conhecimento em imagens da Época Moderna. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 43-64, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

REDI, Francesco. *Experimenta Naturalia*. Amsterdam, 1675.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SEED, Patricia. *Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo (1492-1640)*. Cambridge: Editora UNESP, 1999.

SHORT, John Rennie. *Representing the Republic Mapping the United States 1600-1900*. London: Reaktronbooks, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XAVIER, Ângela Barreto; HESPANHA, António Manuel. As redes clientelares. In: HESPANHA, António Manuel. (Coord.). *História de Portugal: o Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ZUGASTI, Miguel. *La Alegoría de América em el Barroco Hispánico: del Arte efímero al teatro*. Valencia: pré-textos, 2005.